

A RABECA

PERIODICO CARICATO, SATYRICO E ILLUSTRADO

Propriedade de Machado Ferreira & Rocha

Escriptorio rua da Alfandega n. 89 2º andar

Assignaturas

Para a Corte 18000 rs. mensaes, para as provincias 48000 por trimestre



A Rabeca já concerta
Os seus bons iutumentos,
Para atirar-se ousada
A novos commettimentos.

Os moleques das navalhas
Preparão o corte fino,
E da Rabeca as cravelhas,
Se ajustão com grande tino.

As navalhas cortarão
As linguinhas viperinas,
E nas cordas da rabeca
Se tocarão as mofinas.

E quanto ao mais, agradece
A protecção deste povo
E promete grandes coisas
Para o futuro anno nove.

A RABECA

Rio, 31 de Dezembro de 1870.

Quinta-feira, ás 6 horas da tarde, teve logar a cerimonia da collocação da pedra fundamental do edificio em que tem de funcionar a escola de meninos e meninas da freguezia da Gloria.

A' cerimonia assistirão SS. MM. II., numerozo concursão de pessoas, e o distincto architecto brasileiro o Sr. Bethencourt da Silva, que por essa occasião proferio um eloquente discurso.

Factos importantes como estes devem ser registrados, tanto mais quanto infelizmente não são numerosos.

Eureka, eureka, deve ter exclamado o sabio inglez que deparou com a primeira edição dos Luziadas.

Não nos diz a folha ingleza se o mineiro litterario achava-se no banho na occasião da descoberta.

Não nos diz tambem se saltou pelas ruas como energumeno, qual o decantado siciliano que quiz levantar o mundo com um palito.

Não nos diz nada d'isto, mas parece-nos que já é bastante a noticia do achado precioso, se fôr confirmada.

Antes de abandonar este terreno digamos alguma cousa sobre um folheto ultimamente publicado na Bahia.

Queremos fallar das *Poesias de Byron a Napoleão*, traduzidas ao pé da letra por Alberto Krass.

Na nossa humilde opinião os versos do autor de D. Juan nada perdêrão com a versão para a nossa lingua.

A pobreza e aspereza da lingua de Milton, embora escripta pela penna de Byron, é incompativel com a grandeza e harmonia da poesia lyrica, ao passo que a lingua portugueza, pela sua riqueza e doçura, presta-se perfeitamente á *linguagem dos deoses*, na expressão do poeta.

Sob o nome de Alberto Krass occulta-se um moço de esperançoso talento, cujo trabalho revela intelligencia e estudo, se bem que não esteja escoimado de alguns defeitos, devidos provavelmente a precipitação de sua composição.

O limitado espaço de que dispomos não nos permite occuparmo-nos mais largamente d'essa traducção; aceite, entretanto, o seu autor os nossos sinceros emboras.

N'este mundo sublunar muita cousa vai que faria pasmar o proprio Diogenes, o homem insensivel por systema.

A falta de dinheiro é tanta que os exploradores dos bolsos alheios já lanção mão de meios desesperados.

Assim, consta-nos que na noite de quinta-feira um bond de S. Christovão foi assaltado por oito homens armados, cujas intenções nada tinhão de pacificas.

Por uma d'aquellas subitas transformações porque o medo faz-nos passar, o cocheiro metamorphoseou-se em *machinista*, o carro em *locomotiva*, as mulas em *Pegasos* prosaicos, e, velozes como o relampago, mulas, carros e cocheiros não correrão, voarão em direcção á côrte.

Rebus in angustis tudo é licito, até uma retirada a tempo.

Os oito homens de má catadura ficarão com as pistolas nos bolsos, e os dedos.... na bocca.

Vai apparecer em breve entre nós um jornal caricato com o titulo *O Binoculo*.

Não se assuste o *Diario de Noticias* que este não vem da lua.

Hade sahir simples e naturalmente de qualquer typographia, cá da terra.

Desejamos-lhe desde já que seja o flagello do vicio e do crime, como é a boa intenção dos que já existem.

Hoje terá logar a inauguração com a assistencia de SS. MM. II. de mais uma secção da Estrada de Ferro de Pedro II, bem como o festejo pela conclusão das obras effectuadas na Estação Central do Campo d'Acclamação.

Oxalá que festas d'esta ordem se fizessem todos os dias!

Amigo leitor, duas palavras agora, mas duas palavras com toda a seriedade.

A Rabeca toca em todas as tres cordas um hymno em acção de graças a V. S. pela protecção que lhe tem dispensado até hoje, e com a qual conta para todos os dias de sua existencia.

Demais, a Rabeca com o novo anno promette não poupar esforços para corresponder á confiança publica, sem a qual, depois de muito reflectir, chegou á conclusão de que não podia existir.

A' vista do exposto, a Rabeca conta muito com V. S.

Não lhe rôa as cordas.

No mais, boas festas! e até para o anno.

Rebecadas theatraes.

LYRICO FLUMINENSE. — Espectaculos em beneficio dos artistas da companhia lyrica tem sido os unicos da semana finda.

S. LUIZ. — Ensaia-se para subir em breve á scena o drama *Calumnia* de E. Scribe. Neste drama estreião os dous artistas que o Sr. Furtado Coelho trouxe consigo da Europa.

S. PEDRO. — Subio á scena neste theatro o drama *O homem da Mascara Negra*, composição do illustre poeta portuguez, o Sr. Mendes Leal. Todos conhecem o talento como dramaturgo do afamado autor de Egas Muniz; julgamos, portanto, ocioso occuparmo-nos aqui desta produção. Diremos apenas algumas palavras sobre a sua execução. E' louvavel o empenho dos artistas desta companhia em compenetrarem-se sempre dos papeis que lhe são confiados. Trabalhando no genero para que tem mais decidida vocação, o artista Galvão ultimamente incorporado a esta companhia, teve occasião de manifestar o seu talento, grangeando sinceros e repetidos applausos de uma platéa que sabe apreciar o verdadeiro merito onde quer que elle

esteja. Continue o Sr. Galvão a estudar, e cremos que alguns defeitos que ainda se lhe notão, desaparecerão facilmente com o tempo e com a bôa licção do artista empresario do theatro. A Sra. Julia Gaubert sahio-se bem na parte de que foi incumbida. O Sr. Braga, porém, pareceu-nos fóra do genero em que é licito esperar alguma cousa dos seus esforços.

Consta-nos que o Sr. Joaquim Augusto vai trabalhar neste theatro.

O mesmo dizem-nos a respeito do Sr. Florindo, artista honesto, cujo talento é a muitos annos conhecido e festejado não só aqui na côrte, como em todo o imperio.

Se taes noticias forem verdadeiras, de coração enviamos sinceros parabens ao Sr. Germano, cuja sabia direcção é merecedora do apreço e dos elogios do publico fluminense.

PHENIX DRAMATRICA. — Continua o *Orphee na cidade* a attrahir gente e dinheiro.

ALCAZAR. — Nada de novo neste theatro, em que é tempo que o Sr. Arnaud monte uma nova opera, para interromper a monotonia dos espectaculos. Siga o habil director o nosso conselho, que não hade dar-se mal com elle.

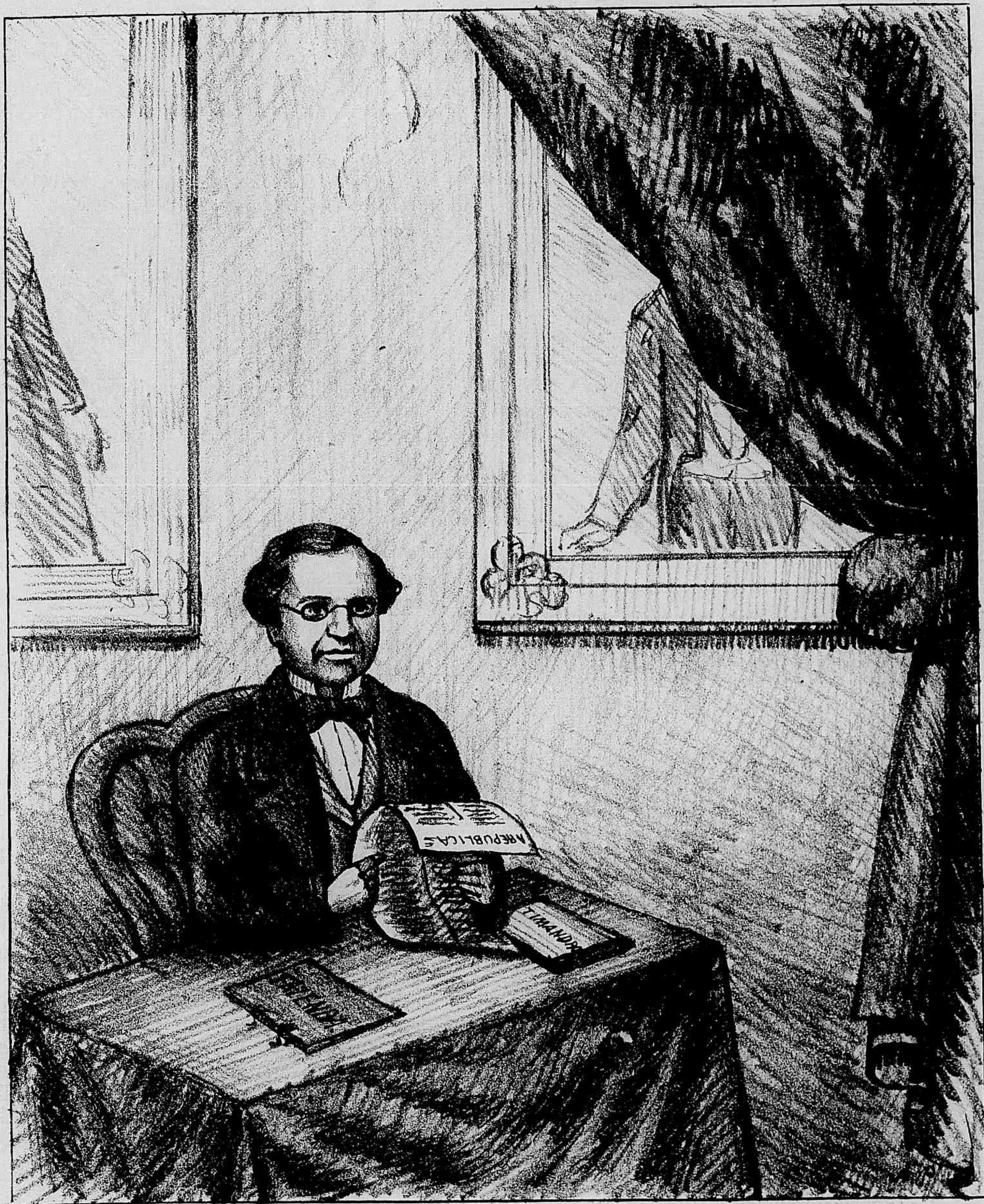
J.

Juca Rosa o feiticeiro

Dava fortuna
Na roda do azá
Dançava o fadinbo.
No escuro gongá.

Pai Quibombo, Juca Rosa,
Na verdade és *feiticeiro*,
Quasi que passas negrito
Como bem sabes bregeiro
Pelo fundo de uma agulha
Todo o Rio de Janeiro!

Na rua, dizem, do Nuncio,
Bem juntinho da Policia,
De dia e noite brñcava
Do preto Juca a malicia,
Praticando tôrpes actos
De infernal impudicia,



A Republica !... Oh ! meus tempos passados ! Oh ! Timandro ! Timandro ! ! Felizes tempos ! ! Felizes tempos ! ! em que a mocidade desinteressada procura sobressahir áquelles que como eu virarão casaca.



Commercio em retalho

— O senhor tem algumas dragonas ou chapéo que me sirvão.

— A unica dragona que tenho, é esta que o senhor está vendo.

Quanto a chapéos, está alli aquelle, que não é novo, mas que ainda pôde fazer vista em algumas paradas.

— Olhe, freguez, tenho aqui chinós, espadas, botas.

— Diga-me cá, este papagaio falla bem?

— Isto cá, é um grande orador.

— Então guarde-me elle, até o dia 3 de Maio futuro se não ficar mudo.



FABULA DE PHEDRO

« Um dia vio a rã um boi grande e nutrido.

« E quiz ver se tão grande como elle ainda seria.

« Inchou, e inchou tanto que emfim arrebentou....

— A fabula é já sedica, mas usa-se hoje em dia!

Ha seis annos, quem diria
Nesta grande capital,
Juca Rosa o *feiticeiro*
Exercendo sempre o mal!...
Illudio a *vigilancia*
Do somno policial.

Pobre Juca, és *innocente*,
Ou talvez menos culpado
Das infames tropellias
De que ora és accusado
—Se assim és alcoviteiro
Mereces ser enforcado!

Não importa! gordos cobres
Filastes, ó maganão!
Muito embora tu fizesses
Figura de papelão!...
E' que atráz da figurinha
Se escondia o figurão.

Em cada canto da rua,
Nas praças e nos hoteis
Só se falla em Juca Rosa,
E, dizem que nos quarteis
Os sôldados fallão nelle
Da cabeça até os pés.

Dizem delle cousas muitas
Que causão odio e horror:—
—Aqui *pai* desnaturado,
Alli ladrão, impostor,
E, mais adiante... silencio,
Que não se offenda o pudor.

Entre tanto o *feiticeiro*
O Juca Rosa malvado
Té dizem que tinha vultos
Importantes a seu lado,
E que no quartinho escuro,
Por estes era trocado.

(*continúa*)

R.

O *feiticeiro*.

ROMANCETE POR X. P. T. O.

(*Continuação do n. 12.*)

Foi o máo governo do seu paiz natal.

E de mais n'uma sociedade onde o crime
não é punido, senão no pequeno; onde o me-
recimento não é premiado, senão no grande;

e o pobre só merece attenção quando tem pa-
tronato, qual é o incentivo que póde mover os
indivíduos a serem bons e honrados? Desta
sorte luctamos actualmente com faltas de bra-
ços, e o Brazil que ainda agora começa, o
Brazil que tem uma primavera eterna, sente
fome, e sua população guiada pela mão do
mais hediondo pauperismo, se arrasta inani-
da por campos sem cultura, e vem perecer aos
olhos do maldicto governo, que a maneira do
deleixado pastor, que deixa o lobo desimar
seu rebanho abandonado, assim elle entregue
só aos cuidados de sua propria elevação, vê
insensivel e imprevidente as necessidades, e a
destruição d'este povo. Réos de lesa nação!
São elles, são os nossos governantes, que só
tractão de eleições para subirem, que são a
fonte de todos os nossos males!

Eleições.... machina infernal com que se
faz do povo degrãos, illudindo os incautos, e
cavando um abysmo para a nação inteira!
Sim, são as eleições que merecem a solicitude,
e disvello d'esses homens, e o povo entrega
tudo que ganha com o suor do seu rosto, á
quem lhe vende a carne, e a farinha, e o
povo está pobre e miseravel....

Perversos! curai muito embora de vossas
eleições; mas lembrai-vos em primeiro lugar
de trazer este pobre povo abastado e contente,
porque o povo não come eleições.

Cessou o trafico da escravatura, o que fizes-
tes para substituir esses braços que vinhão
todos os dias da costa d'Africa? Veio depois
o colera, levou nacionaes e africanos, que fi-
zestes? Que fizestes hoje para supprir estas
faltas? Nada. Sim, nada absolutamente. Fal-
lastes na introdução de colonos estrangeiros.
Mas ennobrecestes a lavoura, protegistes os
lavradores, attraistes tanta gente que anda por
ahi sem emprego, ao trabalho do campo?
Premiastes os mais desvelados? Em uma pa-
lavra, tornastes este paiz merecedor da atten-
ção de colonos estrangeiros? Não, nada fizestes.
Deixastes ao tempo um assumpto de tanta
magnitude, e cuidastes de vós....

A miseria se tem apoderado dos lavradores,
e o povo sente fome. E quereis que o estran-
geiro se agrade de vosso paiz, e que troque
por elle a sua patria! Que lhes offereceis em
paga d'esse grande sacrificio? A fome? O co-

lono que aqui chegar, poderá viver em um paiz, onde o desaceio lhe acarreta a febre amarella, a carístia lhe rouba o ultimo real, e o alimento, além de caro, é damnado? Não. A emigração só se faz para aquelle paiz onde ha vantagens, que não se encontram no paiz natal.

Não espereis colonisação estrangeira, em quanto o Brazil apresentar o quadro deploravel, que hoje apresenta, e estiver reduzido á este estado de miseria, a que o reduzio o vosso inqualificavel e criminóso egoismo desde a época da sua independencia....

Deixemos porém estes homens, e prosigamos. A indignação, tractando d'este assumpto, fez-me abusar da vossa paciencia, do que peço perdão.

— Adiante, Sr. Roberto, quem ha que lhe não desculpe? O senhor disse verdades innegaveis; e quanto a mim asseguro-lhe que não estou cansado de as ouvir, respondeu o Sr. Gama.

— Resta-me dizer alguma cousa sobre a ultima das causas principaes, que julgamos influir no atrazo da nossa lavoura; isto é, sobre o monopolio.

Nada entendemos dos principios de economia politica.

Temos porém ouvido algumas vezes dizer por alguns douctores, uma theoria, que me parece muito verdadeira; mas que não tem lugar no Brazil, nem nunca terá n'outro qualquer paiz, em que o direito de propriedade não tenha certas e justas restricções.

Dizem elles—que a abundancia é que produz a barateza. Isto é incontestavel; dando-se porém a circumstancia de não existirem guerrilhas, ou quaesquer outras sociedades, que vivão de monopolisarem os productos da lavoura e industria do paiz, e os generos de importação.

Naquelles paizes, em que taes sociedades existirem, e que fizerem, como aqui se faz, nunca apparecerá essa desejada barateza, por que nunca tambem o monopolio deixará que o povo enxergue á abundancia.

E se este uso ou abuso, como se deve entender, é concedido pela nossa Constituição politica, então devemos confessar que ella é livre de mais, e como tal imperfeita e prejudicial

ao paiz, e deve quanto antes ser reformada por ser, digamos assim, um vestido já velho hoje; porque foi dado ao Brazil quando elle nasceo; actualmente está moço, e tal vestido não lhe serve mais por ser justo e apertado demais. Mas, que digo eu? Emendar a Constituição? Isto é um sacrilegio.—A Constituição é um código de leis, que cahio do céu: não se póde tocar n'ella. Mas isto é quando se tracta de melhorar a sorte do povo, cortando por certos abusos, que offendem seus direitos, e que elle já está cansado de soffrel-os. Quando porém se pretende massacrar-o, quem se lembra de respeitar a Constituição? Então a tal lei das doze Tabulas vai em pedaços, como as fez Moyzes, causando admiração á todos, que isto observão.

Chama-se a isto — Suspensão de garantias.

A Constituição do Brazil é um pão de dous bicos, é um maná para certa gente, e um flagello para o total da população: farça por mais irrisoria, mais limitada. Se os que governão fossem bem intencionados, ella já estaria ha muito reformada em tudo aquillo, que o tempo já nos tem mostrado, que ella é incapaz, e já nos não póde servir. Mas o que resulta d'isto? O povo espera, e por fim desespera. Então vêm males, que se poderião ter evitado, e se não evitarão.

Tal é a obra do tempo, e muitas vezes o destino de uma nação.

— Muito bem, Sr. Roberto, tem nos enchido de satisfação o seu discurso, e nada tem dito que não sejam verdades. Sobre tudo gosto de ouvir fallar assim desinteressado.—Com tudo parece-me que os taes figurões não hão de gostar muito das suas reflexões.

— Meu amigo, o povo está em primeiro lugar. Quando digo livremente o que penso, exerço um direito, que a Constituição me concede, quando diz que o cidadão é livre para exprimir seu pensamento. Fallar da marcha errada do governo não é attacar, nem a vida, nem a honra, nem a propriedade d'aquelle que governa; sou cidadão e soffro tambem como qualquer outro.

(*Continua.*)



LES ZOUAVES S'AMUSENT

Ensaio do grande cancan, que terá lugar no baile de tres de Maio de 1871.